

Diversão & Arte

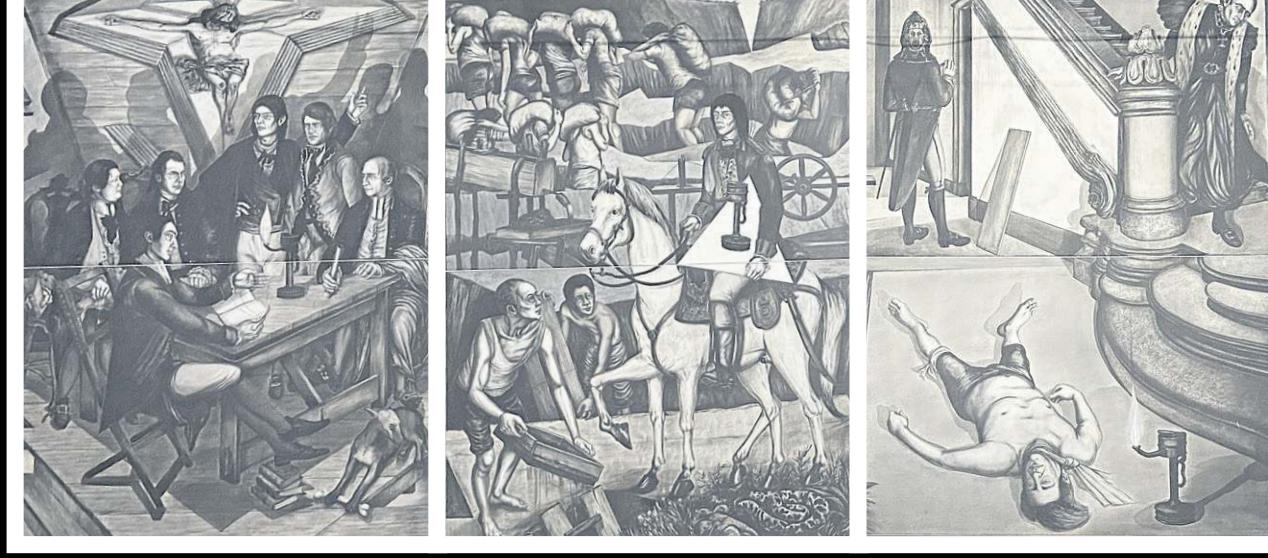
Mariana Dantas

» RICARDO DAEHN

Decifrar uma política das escolhas de mais de 70 lideranças descritas como heroínas e heróis, numa lista que integra o Livro de Aço exposto no Panteão da Pátria, em Brasília, é uma das propostas da série *Como nascem os heróis*. Junto com as produtoras locais Pavirada Filmes e Quartinho, a paulistana O Par remexeu no que muitos veem como sacramentado: as conexões entre presente e passado, e estímulos à reflexão para a construção de um futuro mais promissor. "Assim como monumentos, a história deve ser sempre revisitada e pensada. À luz de novas fontes, teorias, visões de mundo e conhecimentos, tudo pode desabar", defende uma das produtoras, Maíra Carvalho. A série de tevê vai ao ar, a partir de hoje, na TV Brasil (e sempre às quintas-feiras, na faixa das 23h).

Uma dezena de ícones da história nacional, entre os quais a lendária feminista Anita Garibaldi e o idolatrado Zumbi dos Palmares, uma figura que quase alcançou século 18, como autoridade do quilombo de resistência aos escravizados, estão no rol das personalidades em foco. "O autor da série é Rafael Leporace Farret, historiador, doutor, com ampla pesquisa sobre o tema. Além dele, temos contribuições de dezenas de entrevistados especialistas na história de cada um dos nossos personagens", adianta a produtora Maíra. A persona drag Rita von Hunty, uma criação de Guilherme Terrerri, responde pela apresentação da série desenvolvida por mais de uma década, e que traz direção geral de Iberê Carvalho, e codireção de Marcelo Diaz, dedicado ao segmento documental, às filmagens de externas e à condução de cena.

"Zuzu Angel (que lutou pela verdade, diante do desaparecimento do filho, durante a ditadura) é a personagem mais atual abordada nessa temporada e ainda é pouco conhecida do grande público, apesar de ser uma mulher de história impressionante e uma figura apaixonante", conta Maíra Carvalho, ao falar da artista, morta em 1976, diante das ações ativistas a favor dos direitos humanos. "Existem muitas pessoas contemporâneas a nós que mereceriam estar entre os heróis e as heroínas da Pátria. Em primeira mão, penso



Livro de Aço, objeto de homenagem a personalidades que tiveram papel fundamental na sociedade

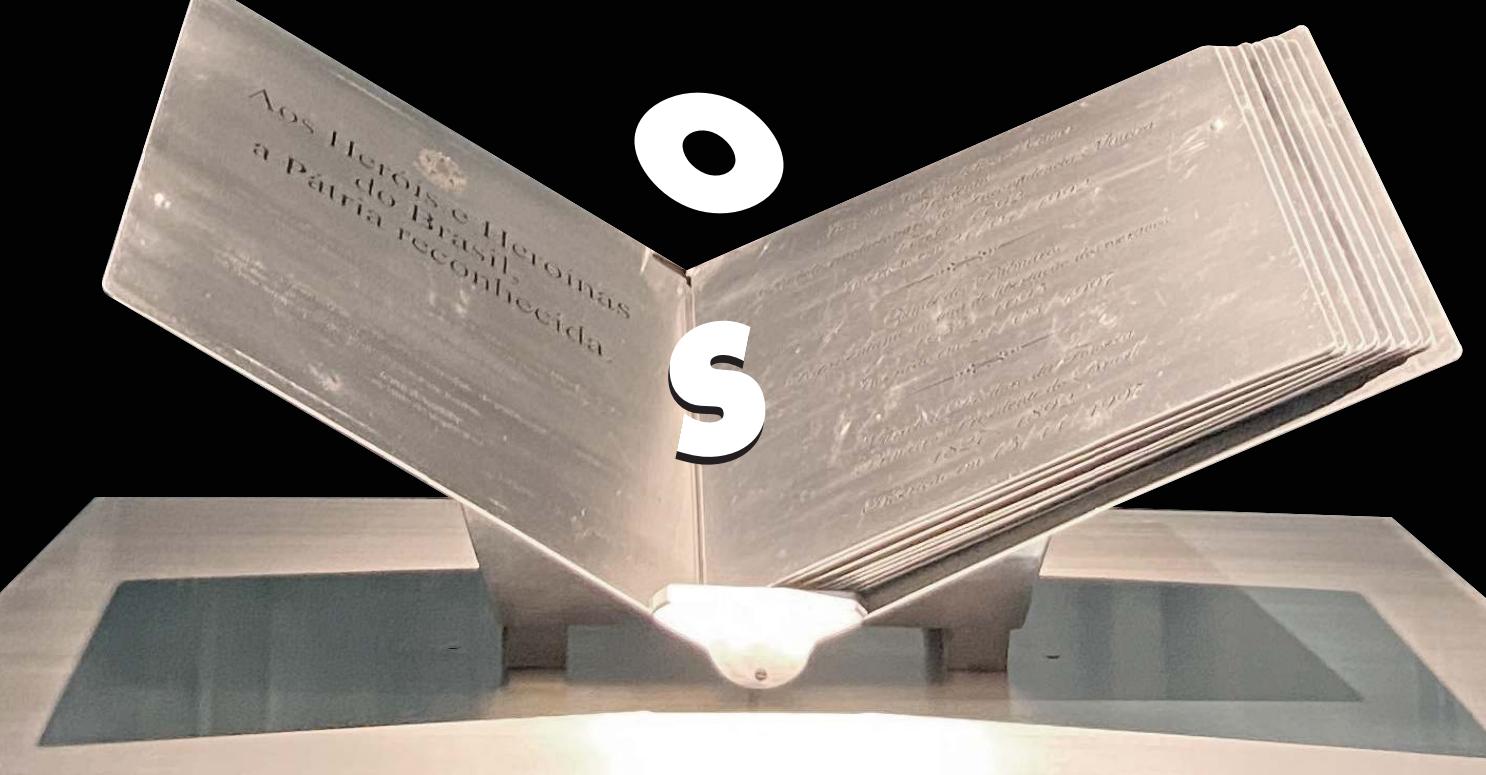
REVISÃO DE REGIMES E DE

ATV BRASIL ESTREIA A SÉRIE *COMO NASCEM OS HERÓIS*, QUE REDESENHA A EXPRESSÃO DE DESTACADAS FIGURAS DO IMAGINÁRIO NACIONAL. E ENTRA TAMBÉM EM CARTAZ O VENCEDOR DA PALMA DE OURO, *FOI APENAS UM ACIDENTE*, DO POLITIZADO JAFAR PANAHÍ

M
/
T
O
S



Cena da série *Como nascem os heróis*



logo em Marielle Franco, e em como seu mandato incomodou as milícias do RJ. Ailton Krenak, Daniel Munduruku, Eliane Pontiguar e Alessandra Munduruku são outros exemplos de vozes, vidas e lutas alinhadas com as questões mais prementes de nosso tempo: o combate ao modo de vida que nos trouxe ao colapso ambiental. Para usar as palavras de Paulo Freire, uma das "bonitezas" do projeto é que no futuro podemos pensar em temporadas que contemplam os heróis e heroínas do futuro!", completa o ator Guilherme Terrerri (Rita von Hunty).

Com episódios desenvolvidos em 26 minutos, *Como nascem os heróis* contempla figuras importantes para a Inconfidência Mineira, como o mártir Tiradentes, e inclui a liderança indígena Sepé Tiaraju, morto em meados do século 18. No pacote televisivo, está a trajetória de Dom Pedro I, o imperador que, em 1822, proclamou a Independência do Brasil e ícones de respeito dúbio, como o presidente Getúlio Vargas e o Patrono do Exército Brasileiro, Duque de Caxias, que teve firme histórico associado à unificação nacional. "Talvez Duque de Caxias seja o personagem mais controverso e que gere mais polêmicas, por dar nome a cidades, ruas e praças e ser ainda hoje idolatrado por alguns militares, como os que o alcaram a herói oficial da Pátria", pontua a produtora Maíra.

E, passíveis de serem desmontados, os mitos, que por vezes controlam hordas e convidam a quebra-quebra e remoção de monumentos, poderiam instigar mobilização de latentes espectadores da série? "Não acredito que chegue a esse ponto. A nossa série faz mais um convite à reflexão e a construção da nossa identidade brasileira e construção da nossa história do que à revolta", conta a produtora, também responsável pela direção de arte do programa. Ao que o intérprete de Rita von Hunty completa: "É importante frisar que um 'monumento' de cultura é sempre, e, ao mesmo tempo, um monumento de barba, como nos lembra Walter Benjamin. O que deve nos interessar é exatamente a capacidade de reconhecer quando, como e porquê certas figuras terminam por ocupar essas posições 'monumentais'. Nossa programação (*Como nascem os heróis*) tenta proporcionar a quem assiste essa jornada".

DUAS PERGUNTAS // IBERÊ CARVALHO, CODIRETOR DA SÉRIE

Qual o dispositivo de linguagem empregado a jovens e como vocês os instigam a fugirem da doutrinação?

Rita Von Hunty é mestre em dialogar com público

diverso. Sua linguagem, além de muito bem-humorada, é fluida e respaldada por muito conhecimento. A proposta é fugir da doutrinação, mas deixando claro que temos um

posicionamento e que há uma perspectiva nesse olhar. Não pretendemos trazer verdades

consolidadas, mas sim trazer a nossa interpretação, deixando claro que ela existe.

Reformatar a história e gerar revisões requer que tipo de responsabilidade?

Uma série como esta não poderia ser feita sem um profundo embasamento histórico e sem estarmos ancorados em

depoimentos dos maiores especialistas vivos em cada um dos temas abordados. É evidente que a nossa abordagem aos temas não será uma unanimidade e não fugimos ao risco de críticas.

CRÍTICA // *FOI APENAS UM ACIDENTE* ★★★★

BARULHO CONTRA O REGIME

Depois da exitosa colheita de reconhecimentos do compatriota Asghar Farhadi, autor de fitas como *O apartamento*, *A separação* e *Um herói*, sempre atrelada ao cinema iraniano, está a figura resistente de Jafar Panahi, que vira e mexe lida com sentenças de prisões e perseguição intelectual, em ciclo formalizado há mais de 15 anos.

A oposição ao regime teocrático, sob os desmandos do Líder Supremo, faz de Panahi um artista associado à desobediência e à clandestinidade. Nada difere do cenário da concepção de *Foi apenas um acidente*,

recém-agraciado no circuito do cinema independente do Gotham Awards, com títulos de melhor diretor, melhor filme internacional e melhor roteiro. Tudo isso novamente jogou contra vitórias de *O agente secreto* (que perdeu, apesar de dois prêmios, a Palma de Ouro em Cannes justificada pelo massacre em comum).

Ciente do que seja agir com greve de fome e promover a cotidiana revolução, junto aos que orbitam fora do sistema iraniano, o contestador cineasta de *Sem ursos* (2022), *3 faces* (2018) e *O círculo* (2000), mete dedos na ferida, trazendo à

tona questões éticas, vinculadas à explosão de violências e requintes de crueldade. Inusitado que Panahi consiga pincelar tudo com

ácidos momentos cômicos. Na trama, Vahid ganha a cumplicidade da presença de inúmeras testemunhas para seu crime



Foi apenas um acidente: desejo de vingança com pitadas de humor

contra aquele que identifica como Eqbal: nisso estão o inquieto Hamid (Mohamad Ali Eliasmehr, na vida real, um carpinteiro que estudou teatro), e um casal de novos (papéis de Majid Panahi, sobrinho do cineasta, e de Hadis Pakbaten). Uma dramaturgia instigante (que faz lembrar a de Relatos selvagens) e que abraça ações de piedade, rancor, transformações e absoluta incerteza. *Foi apenas um acidente*, vale a lembrança, foi escolhido pela França para representar o país em futura disputa ao Oscar de 2026. (RD)